



Históricas: as ativistas feministas do Primeiro Congresso Feminino Internacional de Buenos Aires

Ana Cristina Frias¹

FRIAS, A. C. **Históricas:** as ativistas feministas do Primeiro
Congresso Feminino Internacional de Buenos Aires
História Social, vol. 21, p. 01-32, e026005, 2026

Resumo: Em 1910, foi realizado o Primeiro Congresso Internacional de Mulheres em Buenos Aires. O evento tinha como propósito debater o tema da emancipação feminina e os discursos das ativistas revelam, na época, os desafios familiares, sociais, políticos e econômicos que as mulheres enfrentavam. A partir das contribuições teóricas de historiadores como Jorge Myers, Silvia Cormick, Joan W. Scott, e Dora Barrancos, o artigo analisa esses textos do início do século XX para identificar quais foram os argumentos e as estratégias políticas utilizadas na defesa dos direitos das mulheres. Além disso, ao destacar o trabalho de um grupo de pesquisadoras na reedição das publicações do Congresso, nos anos 2000, é possível refletir sobre a relevância dessa documentação para uma historiografia das mulheres na América Latina.

Palavras-chaves: Mulheres. História Intelectual Latino-americana. História das Mulheres. Emancipação Feminina. História dos Feminismos Latino-americanos.

¹ Doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio. E-mail: anacrisfrias@gmail.com.



Históricas: feminist activists at the First International Women's Congress of Buenos Aires

Ana Cristina Frias

Abstract: In 1910, the First International Women's Congress was held in Buenos Aires. The event aimed to discuss the theme of women's emancipation, and the activists' speeches at the time reveal the domestic, social, political, and economic challenges women faced. Drawing on the theoretical contributions of historians such as Jorge Myers, Silvia Cormick, Joan W. Scott, and Dora Barrancos, this article analyzes these early 20th-century texts to identify the arguments and political strategies employed in the defense of women's rights. Additionally, by highlighting the work of a group of researchers in re-editing the Congress publications during the 2000s, it is possible to reflect on the relevance of this documentation for a historiography of women in Latin America.

Keywords: Women. Latin American Intellectual History. Women's History. Women's Emancipation. History of Latin American Feminisms.

O Primeiro Congresso Feminino Internacional de Buenos Aires reuniu intelectuais e ativistas latino-americanas e estrangeiras para debaterem a emancipação feminina. Convocado pela Associação de Universitárias Argentinas, o encontro tinha a proposta de homenagear as mulheres que colaboraram com a Revolução de Maio², em 1910. Uma das principais

² A Revolução de Maio de 1810 ocorreu diante de um cenário de revoltas políticas e sociais que foram desencadeadas pela crise da monarquia espanhola com as invasões napoleônicas e a subsequente deposição do rei Fernando VII. O vácuo do poder deixado pela Espanha na colônia debilitou o controle na região do Prata e culminou com a destituição do vice-rei, Baltasar Hidalgo

características do evento foi a diversidade de organizações presentes, como: Associação Nacional de Professoras, Liga de Mulheres Livre Pensadoras, Sociedade Protetora de Indígenas, Centro de Estudantes de Medicina, Círculo Médico e Centro Socialista Feminino. Na sessão de abertura, as organizadoras declararam que o Congresso não era conservador, nem socialista, nem liberal, nem católico, que não seguia nenhuma posição partidária ou religiosa e não pretendia estimular qualquer reivindicação violenta. Destacavam que queriam somente expor os interesses da humanidade pela opinião das mulheres.³

Os temas tratados nas conferências do Congresso foram publicados pela *Imprenta Fallica & Escoffier* e revelam o quanto as ativistas estavam preocupadas em realizar um registro documental do encontro. Na época, foram impressos dois livros: um no formato de atas com as propostas discutidas em cada sessão, e um outro mais detalhado com a impressão da *Imprenta A. Ceppi*, em 1911. Nas páginas, é possível observar as angústias, as dores e os questionamentos das mulheres no início do século XX. Participaram mães, donas de casa, operárias, professoras, universitárias, intelectuais, jornalistas e médicas. Analisar essa fonte nos permite compreender os desafios familiares, sociais, políticos e econômicos que elas enfrentaram e conhecer os discursos que utilizaram contra o que consideravam injusto na época.

Uma versão completa do documento saiu com o título *Primer Congreso Femenino Internacional de la Republica Argentina: Historia, Actas y Trabajos*. É uma publicação que detalha o caráter histórico do Congresso, não apenas pelo pioneirismo dos temas abordados, mas porque nos discursos é possível identificar assuntos que não avançaram no debate político e pautas que levaram décadas para se converterem em direitos.

de Cisneros. Em 25 de maio de 1810, estabeleceu-se o primeiro governo local, composto pela elite *criolla*, cuja iniciativa institucional marcou o início de um processo de emancipação política e independência da Argentina.

³ COMITÉ Organizador del II Congreso Feminista Internacional de la República Argentina. **Primer Congreso Femenino Internacional de 1910 de la República Argentina: Historia, Actas y Trabajos**. Edición Conmemorativa. 2ª edición. Buenos Aires: 2010, p. 61

Porém, durante anos, essa documentação foi classificada com acesso restrito para consulta na Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires. Hoje, está disponível para o público porque um grupo de historiadoras redescobriu e reeditou o material. Neste contexto, a proposta do artigo é detalhar os debates sobre a condição feminina que foram travados naquele momento, além de apontar as estratégias que as intelectuais latino-americanas defenderam como essenciais na divulgação dos ideais de emancipação. Essas duas questões nos levam a outra pergunta: qual é a relevância de recuperarmos essas fontes documentais hoje?

Desde meados do século XIX até o XX, várias intelectuais escreveram que as mulheres tinham um destino do qual parecia não haver qualquer escapatória. Entre elas, a educadora chilena Amanda Labarca afirmava: “Precisamos guiar nossas próprias vidas. Para onde devemos conduzi-las? Mas será mesmo que não podemos guiá-las? Não seria o destino de nossas vidas determinado por leis imutáveis?”⁴ As leis imutáveis às quais se refere Labarca são uma crítica à incapacidade de escapar de uma dominação que afetava a ela e muitas outras mulheres. Foi para criticar essa realidade e discutir caminhos para reverter a condição de inferioridade e a submissão feminina que o Congresso foi realizado.

No artigo, inicialmente, apresento como foi o processo de recuperação dessas fontes pelas pesquisadoras para ressaltar o valor deste material para a historiografia. Em seguida, assinalo as contribuições da área de História Intelectual e Teoria Feminista para analisar os discursos do Congresso de 1910. Na terceira parte, contextualizo os primeiros protestos de mulheres no momento que o evento foi realizado, na Argentina, e assinalo os principais temas discutidos. Logo a seguir, apresento outra fonte, o *La Mujer. Encuesta Feminina*, livro de Miguel J. Font que nos auxilia a compreender a repercussão dos debates e condensa uma série de opiniões sobre o feminismo na época. Por fim, argumento sobre a importância dessas

⁴ LABARCA, Amanda. *¿A dónde va la mujer?* Santiago de Chile: Ediciones Extra, 1934, p. 186. No original: “Hace falta orientar nuestra propia vida. ¿Hacia dónde conducirla? Pero ¿es verdad que no podemos guiarla? ¿No esta su destino trazado por leyes inmutables?”

ativistas e o papel que desempenharam na luta pelos direitos das mulheres na América Latina.

O processo de recuperação das atas e dos discursos sobre o Congresso de 1910

Em 2007, um comitê de pesquisadoras se uniu para recuperar os textos originais e preparar uma edição para celebrar o centenário do Congresso. O processo foi marcado por desafios quase artesanais: Graciela Tejero Coni, diretora do Museu da Mulher de Buenos Aires, chegou a copiar os textos à mão na Biblioteca Nacional Mariano Moreno, já que não era permitido tirar cópia das páginas do livro. A surpresa surgiu quando a historiadora Marysa Navarro localizou as edições do Congresso nos Estados Unidos, nas bibliotecas da Organização dos Estados Americanos (OEA) e da Universidade de Harvard. A descoberta foi fundamental, porque revelou a publicação das atas que nem sequer existiam na Argentina, permitindo a identificação integral dos temas apresentados. Como assinala Graciela Tejero, apesar de ser incerto o motivo desse material ter ido parar no exterior, o caso reflete uma realidade comum, na qual outros documentos e publicações do feminismo e da política revolucionária acabaram sendo preservados em acervos estrangeiros.

O trabalho de reedição da documentação contou também com a historiadora Lily Sosa de Newton, que auxiliou na pesquisa fotográfica, e a socióloga Leticia Maronese que compilou o material publicado na imprensa da época. Para a diretora do Museu da Mulher, essa pesquisa foi resultado da militância feminista e representa um patrimônio para a historiografia das mulheres.

A própria história de vida de Graciela Tejero Coni reflete uma conexão entre as lutas das mulheres no passado e muitas das batalhas que ainda são travadas no presente. Ela é sobrinha bisneta de Gabriela de Laperriere de Coni, feminista francesa e primeira mulher a integrar o Comitê do Partido Socialista, em 1902. Laperriere redigiu a lei de regulamentação de

trabalho para mulheres e crianças, que inaugurou a legislação trabalhista no início do século XX na Argentina. Ao comentar sobre a importância do encontro de 1910, Tejero Coni destacou:

Republicar toda a documentação do Congresso era um objetivo do ativismo feminista. O material faz parte do patrimônio do movimento de mulheres; é a genealogia do feminismo latino-americano que transcende a erudição acadêmica. Nessa perspectiva, os debates de 1910 permanecem absolutamente relevantes e iluminam questões atuais: a abolição da prostituição, a defesa dos povos indígenas, o conceito de família, o acesso ao conhecimento, os estereótipos sexistas etc. O trabalho historiográfico que pode ser feito sobre o Congresso de 1910 é de vital importância para o futuro da luta feminista. Cada detalhe que recuperamos de nossa experiência fortalece os argumentos da luta.⁵

A segunda edição do Congresso Feminino Internacional foi realizada, em 2010, na Universidade J. F. Kennedy e no Hotel Bauen, em Buenos Aires. O encontro discutiu questões como práticas de resistências às políticas neoliberais, violência contra as mulheres, aborto e direitos reprodutivos, entre outros temas. Graças ao trabalho dessas pesquisadoras, hoje, podemos analisar com mais facilidade quais foram as lutas pela emancipação feminina travadas por essas mulheres em 1910.

Diante do processo de reedição desse material, é importante também recuperar o argumento de Joan W. Scott⁶ quando ensina que as

⁵ As informações sobre o processo de reedição da publicação do I Congresso Feminino Internacional de Buenos Aires, de 1910, são de uma entrevista realizada por e-mail com Graciela Tejero, em 23 de setembro de 2025. No original: “Hacer la reedición de toda la documentación del Congreso fue un objetivo de militancia feminista, el material es patrimonio del movimiento de mujeres, es genealogía del feminismo latino-americano que trasciende la erudición académica y desde esa perspectiva aquellos debates de 1910 tienen una vigencia absoluta y alumbran los actuales: abolición de la prostitución, defensa de pueblos originarios, concepto de familia, acceso al conocimiento, estereotipos sexistas etc. (...) La tarea historiográfica que puede hacerse del Congreso de 1910 es de vital importancia para el futuro de la lucha feminista. Cada rescate de nuestra experiencia fortalece los argumentos de la lucha.”

⁶ A primeira versão do artigo *History-Writing as a Critique* é de 2005, mas a versão alterada por Joan Scott foi publicada no livro *Manifestos for History* e saiu dois anos depois.

representações do passado são importantes para a construção do gênero na história do presente. Scott enfatiza que este tipo de análise requer atenção às suposições, às práticas e à retórica da própria disciplina da História. Ela chama atenção para como definições e normas podem ser estabelecidas fora de uma prática usual da investigação do historiador. Neste sentido, documentações, como as do Congresso, que ficaram sem acesso à consulta em estantes de bibliotecas públicas são fatores que nos permitem pensar nas relações de poder que permeiam o cotidiano e a História.

Para Scott, o saber não se refere apenas às ideias, mas às instituições, às estruturas, às práticas do cotidiano e aos rituais específicos. O conhecimento é um modo de ordenar o mundo e, como tal, é inseparável da organização social. A lição de Scott é que o objeto da escrita crítica histórica é o presente. Embora os materiais venham do passado, é preciso iluminar pontos cegos que mantêm sistemas sociais intactos e que dificultam a percepção de como é possível mudá-los. Neste sentido, é quando a disciplina pode realizar o seu papel mais importante: uma escrita crítica que abre as portas para o futuro⁷. A narrativa histórica não pode ficar restrita somente ao que aconteceu a homens e mulheres ou como reagiram, também diz respeito aos significados subjetivos e coletivos construídos ao longo do tempo. Scott sentencia que devemos estar dispostos a repensar a história da política, da mesma forma que é necessário pensar a política da própria História. Porque como assinalou, anteriormente, Tejero Coni: “cada detalhe que recuperamos da nossa experiência fortalece nossa luta.”

História Intelectual e Teoria Feminista como ferramentas de análise

A historiadora Silvina Cormick no livro *Mujeres Intelectuales en América Latina* assinala a importância de se repensar a historiografia de intelectuais latino-americanos como uma história que foi vivida por

⁷ SCOTT, W. Joan. **Escrita da História como Crítica**. Revista de Teoria da História. Tradução Eduardo W. Cardoso, Naiara Damas e Nathalia Sanglard. Goiânia, v. 26, n. 2, 2023, p. 138.

homens e por mulheres e que é marcada por representações sociais de gênero, principalmente, porque em inúmeras situações as mulheres foram relegadas a ocupar posições subalternas em espaços de sociabilidade. Para Cormick, propor uma reflexão com esta chave histórica é analisar como mecanismos de exclusão, repressão, rejeição ou silenciamento conseguiram ou não cumprir sua função.

Trata-se de refletir sobre como as mulheres lutaram e conseguiram, ou não, conquistar um espaço para si mesmas nos campos intelectuais e ocupar o espaço público, assumindo posições baseadas em temas “tradicionalmente” femininos – infância, lar, educação, maternidade, entre outros – mas também em relação a temas mais “classicamente” masculinos, como poder, nação, guerra ou outro aspecto associado ao universo da vida especificamente política e entendido como exclusivamente masculino.⁸

Outra contribuição importante para a pesquisa é do historiador Jorge Myers em *Músicas distantes. Algunas notas sobre a história intelectual hoje*. No artigo, Myers assinala a importância de se debater sobre os antigos horizontes e as novas perspectivas da disciplina de História Intelectual, ao destacar como que o estudo do intelecto humano do passado segue como o principal objeto de pesquisa na área. Para Myers, as marcas e as cicatrizes, que os indivíduos carregam, refletem o lugar que ocupam no mundo, indicam violências e desigualdades que não podem ser ignoradas durante a investigação histórica. Desta forma, pesquisas de História Intelectual devem apontar uma preocupação somática e corporal, porque é através de marcadores sociais como raça e gênero que o historiador poderá analisar

⁸ CORMICK, Silvia. (Org.) **Mujeres Intelectuales en América Latina**. Buenos Aires: SB Editorial, 2022. No original: “Se trata de pensar como las mujeres disputaron y pudieron, o no, hacerse un lugar en los campos intelectuales y ocupar el espacio público asumiendo posiciones a partir de temáticas ‘tradicionalmente’ femininas – la infancia, el hogar, la educación o la maternidad, entre otras – pero también, respecto a las más ‘clásicamente’ masculinas como el poder, la nación o la guerra o cualquier otra asociada al universo de la vida específicamente política y entendida como exclusivamente masculina.”

as fontes atrás de discursos, de linguagens, de expressões e de correntes de pensamento que revelam como os indivíduos atuaram sobre um contexto, uma tradição, ao mesmo tempo que também foram modificados por ela. O trabalho de reconstrução do passado deve contemplar o lugar de um sujeito histórico em determinado momento, a partir da sua condição de gênero, de sua identidade racial e de sua etnicidade.

Vivemos em uma época, entretanto na qual os princípios do corpo ganharam posição frente àqueles do espírito: já não é possível negar de forma absoluta a atuação – alguma atuação mínima ao menos – dos indivíduos na orientação de seus próprios destinos, tampouco é possível ignorar que todo indivíduo possui marcas somáticas que incidem sobre seu lugar no mundo. Frente às demandas – justamente – surgidas a partir de campos de reflexão centrados nas questões de gênero, raça e de identidades sexuais dos indivíduos nos cursos de suas vidas, a história intelectual não podia ficar indiferente.⁹

Ao destacar o olhar de uma História Intelectual sobre seu objeto, Myers argumenta que, até a metade do século XX, a maioria das atividades da produção de uma elite letrada era um privilégio masculino, as mulheres representavam uma ínfima minoria e, quando olhamos para o mundo Atlântico, todos praticamente tinham a pele branca. Desta forma, ele demonstra que há uma íntima relação da obra que é produzida com seu aspecto histórico, social, cultural, discursivo e corpóreo de um autor e dos indivíduos que são impactados por um sistema de pensamento. Não se pode entender a circulação das ideias sem analisar de que forma ela reverbera ou impacta a experiência social, sem apontar qual é a condição situada de um indivíduo, o que em síntese evidenciará: “o duro batalhar dos corpos humanos em seu trânsito pela vida”.¹⁰

⁹ MYERS, Jorge. **Músicas Distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje:** horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha (Org.) *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016, p. 30.

¹⁰ *Ibid.*, p. 34.

Além dessas referências da área de História Intelectual, é importante assinalar outras contribuições da teoria feminista para analisarmos esse passado. Uma delas é a da crítica literária Josefina Ludmer, no texto *Las tretas del débil*, quando afirma que a distribuição histórica de emoções, de funções sociais e de faculdades estão fixadas na linguagem. Para Ludmer é importante destacar como as mulheres, em diferentes contextos, se expressaram contra a razão masculina, contra aquilo que era definido como concreto em função do que era abstrato, a posição de um ambiente doméstico contra o espaço público, e a sentença de um destino de reprodução contra a lógica da produção. Ludmer afirma que localizar esses atributos em outros tempos é identificar o lugar que as mulheres ocuparam, a partir de uma situação histórica e discursiva.

Neste contexto, é importante assinalar também que a região latino-americana é marcada por um longo processo de colonização e avanço de uma sociedade industrial, moderna, capitalista e de grande incentivo à imigração europeia. Essas características impactaram a vida e a trajetória intelectual de diferentes mulheres. É possível mapear nos primeiros vestígios dos feminismos latino-americanos, no final do século XIX, críticas ao acesso restrito à educação, à subordinação e à tutela dos homens e a total ausência na participação política. Segundo a escritora mexicana Francesca Gargallo, havia várias correntes que surgiram no movimento feminista na época, como o feminismo liberal e igualitário, que se fundamentava na obtenção de direitos políticos e civis e tinha como base uma ideia de inclusão e igualdade; mas existiam também propostas anarquistas, socialistas, conservadoras, anticlericais etc. Diante de múltiplos discursos, a história dos feminismos latino-americanos tem como base uma ampla diversidade de experiências e de ações, como a própria Gargallo enfatiza:

No final do século XIX, mulheres mexicanas, brasileiras, argentinas, chilenas e venezuelanas de setores urbanos mais ricos uniram-se para publicar jornais nos quais expressavam suas ideias sobre seu lugar em relação aos homens, compartilhavam suas histórias e poemas e trocavam notícias sobre moda. Ao

mesmo tempo, professoras se organizaram em torno de reivindicações como o direito à educação, o controle sobre suas próprias finanças e o direito ao voto. Fiandeiras, operárias da indústria do tabaco e de empresas fabris começaram a exigir igualdade salarial para trabalho igual, embora as mulheres fossem uma pequena parte da força de trabalho. Assim, por diversos caminhos, desenvolveram um ideal de igualdade de gênero que somente em suas expressões posteriores e mais radicais passou a exigir igualdade perante a lei e o direito ao voto.¹¹

Ao observarmos os discursos das ativistas que participaram do Congresso de 1910 percebemos já nas primeiras ações dos movimentos feministas uma ampla divergência de opiniões. Analisar essa documentação é compreender, como aponta a historiadora Gêssica Guimarães, que os feminismos são importantes fontes de reflexão sobre como funcionam as estruturas das sociedades, as engrenagens de poder e a forma que a violência de gênero foi reproduzida ao longo do tempo. Ela afirma: “Os feminismos fornecem um conceitual teórico e elementos factuais que nos auxiliam na compreensão de nossas sociedades e na construção de propostas para a superação de desigualdades e de injustiças”.¹²

A pesquisadora de literatura brasileira especializada em obras de autoria feminina, Constância Lima Duarte, também assinala a relevância de se contar a história das lutas das mulheres quando afirma: “se a história

¹¹ GARGALLO, Francesca. **Feminismo Latinoamericano**, publicado na *Revista Venezolana de Estudios de La Mujer*, em 2007. DIETZ, Ana Lopéz; MONSALVE, Karen. **Feminismos, género y movimiento de mujeres**: claves para el debate en tiempos constituyentes. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2022, p. 41. No original: “A finales del siglo XIX, mujeres mexicanas, brasileñas, argentinas, chilenas y venezolanas de los sectores acomodados urbanos se reunieron para publicar periódicos en los que explayaban sus ideas acerca de qué eran con respecto a los hombres, daban a conocer sus cuentos y poemas y compartían noticias sobre moda. Contemporáneamente, grupos de maestras se organizaron alrededor de demandas tales como el derecho a la educación y a la expresión, al control de su economía y el voto. Hilanderas, tabacaleras y otras trabajadoras asalariadas fabriles empezaron a exigir salarios iguales para trabajos iguales, aunque las obreras eran una parte mínima de las trabajadoras. Así, por diversos caminos, elaboraron un ideal de igualdad entre los sexos que solo en sus expresiones tardías y más radicales exigió la igualdad jurídica y el derecho al voto”.

¹² GUIMARÃES, Gêssica. **Ensaio Feminista sobre o Sujeito Universal**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022, p. 27.

dos feminismos é pouco conhecida é porque também é pouco contada”.¹³ Lima Duarte aponta como o movimento deve ser compreendido de forma mais ampla, contemplando cada ação, reivindicação e protesto contra opressão e submissão feminina.

Pois o feminismo, a meu ver, deveria ser compreendido em um sentido mais amplo, como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, por uma iniciativa individual ou de um grupo. Somente então será possível valorizar os movimentos iniciais dessa luta – contra os preconceitos mais primários e arraigados – e considerar aquelas mulheres que se expuseram à incompreensão e à crítica, nossas primeiras e legítimas feministas.

É a partir deste argumento de Lima Duarte que analisamos os discursos das ativistas no Congresso de 1910. Nos textos, é possível perceber o quanto elas estiveram expostas à incompreensão e à crítica da sociedade na época. Da mesma forma, narrar este passado representa preencher a lacuna de uma história que ainda é pouco contada.

Os primeiros protestos com participação de mulheres na Argentina

O texto de abertura da edição comemorativa de 100 anos do Congresso Feminino de 1910 assinala as primeiras mobilizações que tiveram participação efetivas de mulheres na luta pelos seus direitos na Argentina no final do século XIX e início do XX. Um desses primeiros protestos foi a greve das empregadas domésticas de Buenos Aires contra a imposição de um documento que ficou conhecido como *Libreta de Conchabo*, em 1887. Apesar de anarquistas e socialistas terem, posteriormente, apoiado

¹³ DUARTE, Constância Lima. **Feminismo**: uma história a ser contada. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 25.

lutas de mulheres, essa revolta foi organizada pelas próprias trabalhadoras que eram criadas, babás, passadeiras e lavadeiras. Na época, a *libreta* funcionava como uma espécie de nota realizada pelo município para garantir a segurança de quem pretendia contratar um serviço, o problema era que os próprios patrões tinham que assinar a norma de boa conduta dos funcionários para eles conseguirem um novo emprego, fazendo com que os empregados dependessem da boa vontade dos empregadores. A mobilização foi tão expressiva que, pouco tempo depois, as costureiras da província de Rosário tomaram a mesma medida.¹⁴ Neste período, ocorreram várias manifestações de mulheres que trabalhavam na Companhia Geral de Fósforos, nas indústrias de cigarro, nas companhias telefônicas e em outras fábricas. Somente em 1910, mesmo ano do Congresso, foram registradas 298 greves.¹⁵

É neste momento de intensa mobilização social que é realizado o Congresso de 1910. Uma das primeiras impressões sobre os discursos das ativistas é o quanto o termo “feminismo” já era utilizado com frequência nos círculos intelectuais na América do Sul. Um dos fatores que contribuiu para a repercussão do termo foi, principalmente, o grande contingente de imigrantes da Europa que traziam as ideias para difundir-las em território americano. No entanto, o significado do feminismo já apresentava graus diferentes de questionamentos sobre a opressão patriarcal nesse início. Havia, inclusive, o receio de algumas mulheres se proclamarem feministas na época, por conta das críticas que o movimento suscitava. Muitas optavam por utilizar o termo “feminino” nos discursos como solução para não provocar rejeição ao assunto que tratavam. Mas se para algumas serem categorizadas como feministas era um problema, para outras a definição reforçava a aderência à luta que estavam travando. Esse aspecto demonstra como o feminismo nunca esteve condensado em uma única proposta ou um discurso comum de como as mulheres deviam avançar na luta por

¹⁴ COMITÉ, *Op. cit.*, p. 11 e 12.

¹⁵ Na Europa, neste mesmo período, foram realizados vários Congressos sobre a emancipação das mulheres: Praga (1897), Bélgica (1897), Londres (1899) e Paris (1900).

direitos. Apesar da desigualdade entre os sexos, havia percepções distintas sobre o que representava a emancipação, tendo em conta, principalmente, a variável de classe social e de raça. Neste mesmo momento, o acesso às universidades, apesar de permitido, era restrito. Raras mulheres tinham a possibilidade de se formar, mas é surpreendente que Elvira López tenha obtido o diploma como doutora na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, com uma das primeiras teses na Argentina e na América do Sul sobre o movimento feminista, em 1901.

O Primeiro Congresso Feminino Internacional recebeu um número expressivo de críticas, principalmente, de mulheres da elite que defendiam a proposta de um feminismo que não tirasse da casa a mãe e a esposa. Muitas mulheres concordavam em elevar o nível intelectual das mulheres, mas não defendiam que era preciso se libertar da submissão masculina. As críticas apontavam que o feminismo era uma utopia que pretendia perturbar a ordem social e provocar a destruição da família e da religião. No entanto, López assegurava, aqueles que questionavam o movimento, que o feminismo não subverteria a sociedade ou acabaria com a família. Ela empregou um discurso moderado, carregado de ambiguidade, para nossos olhos do presente, ao mostrar sua confiança no progresso do movimento, cujo resultado seria a emancipação das mulheres. A intelectual, influenciada pelo positivismo e socialismo, defendia que o avanço do feminismo seria um caminho inevitável para todas as sociedades.

Devido à tendência natural do espírito humano de encarar toda inovação com suspeita e resistir a ela, o feminismo foi atacado e considerado por muitos como uma utopia ridícula, que supostamente visava inverter as leis da natureza ou criar um terceiro sexo monstruoso. Foi acusado de propósitos anárquicos, da destruição do lar e transformação das mulheres em seres anômalos, que estariam desvinculadas dos fins para os quais foram criadas; daí a resistência, bastante justificada, é claro, se o feminismo propusesse algo assim.¹⁶

¹⁶ LÓPEZ, Elvira. **El movimiento feminista**: primeros trazos del feminismo en Argentina. Editorial Biblioteca Nacional Mariano Moreno: Buenos Aires, 2009, p. 31. No original: “*Por aquella*

Este trecho da tese de López de 1901, que se refere à menção “monstruosa criação de um terceiro sexo”, aponta a imposição de um modelo heteronormativo como destino social inescapável para as mulheres. Naquele momento, López enfatizou que o feminismo não seria o responsável por desvirtuar a mulher da finalidade para a qual havia sido criada: a reprodução. Nas palavras de López, escapar dessa lógica seria visto como uma anomalia e algo monstruoso.¹⁷ No entanto, apesar de argumentos datados, expressões e palavras comuns aquele contexto, são visíveis também nos discursos do Congresso de 1910 questões que revelam a base histórica de violências contra o feminino. No evento, as conferências debateram pautas, por exemplo, como a influência social da mãe, ensino da História, educação mista, laica e igual, divórcio, prostituição, condição econômica da mulher, educação física feminina, modificações no Código Civil e vida política da mulher. Essa agenda abrangente, que vai além do debate político pelo sufrágio feminino, mostra que o Congresso de 1910 é um marco para os feminismos latino-americanos ao enfatizar temas que abarcam distintas lutas por direitos civis, jurídicos e sociais para as mulheres.

Uma agenda abrangente por direitos civis, sociais e políticos

O seminário de Juana María Begino sobre a condição econômica da mulher aborda uma pauta feminista que permanece atual. Apesar de mais de um século de luta para obtenção de direitos jurídicos, sociais e políticos, que definiram as noções de dupla jornada e o trabalho invisível das donas de casa, a dependência econômica já era apontada como fator determinante da submissão feminina, em 1910. Ao lermos o texto de Begino, dimensionamos a angústia de uma mulher que sofria violências e tinha

natural tendencia del espíritu humano que lo lleva a recibir con recelo toda innovación y resistirse a ella, el feminismo ha sido combatido y mirado por muchos como una utopía ridícula, que se propusiera nada menos que invertir las leyes naturales o realizar la monstruosa creación de un tercer sexo. Se le atribuyeron propósitos anárquicos, la destrucción del hogar, la transformación de la mujer en un ente anómalo, apartado de los fines para los que ha sido creada; de aquí las resistencias, muy justificadas, por cierto, si el feminismo tal cosa se propusiera.”

¹⁷ LÓPEZ, Elvira. *Op. cit.*, p. 10 e 11.

que conviver a vida inteira com seu agressor, já que o divórcio não era um direito naquele momento. Para Begino, a independência econômica era a base de todas as independências da mulher.

As mulheres não podem ser consideradas totalmente livres até que conquistem a independência da tutela masculina por meio de seus próprios esforços morais e intelectuais. É sabido que as mulheres recorrem ao casamento como um refúgio seguro que as protegerá da pobreza, ficando, assim, sujeitas ao controle absoluto de seus maridos.¹⁸

María Benigo foi uma operária, intelectual e jornalista com uma intensa atividade socialista e feminista nas cidades de Buenos Aires e de Rosário. Chegou a dirigir um pequeno periódico chamado *1º de maio* e foi integrante do Centro Socialista Feminino que promoveu diversas campanhas a favor do sufrágio para as mulheres, igualdade de direitos civis e jurídicos para homens e mulheres, divórcio e educação laica.¹⁹

O conteúdo de seminários como o de María Benigo foi parar nas páginas de jornais como *La Nación* e *La Prensa*, assim como as apresentações de Julieta Lanteri sobre prostituição e de Carolina Muzilli sobre o divórcio.²⁰ As duas últimas se tornaram nomes consagrados na luta pelos direitos das mulheres na Argentina. Lanteri nasceu na Itália e imigrou com os pais aos seis anos para a Região do Rio da Prata. Conseguiu se matricular e foi a primeira mulher no Colégio Nacional da Prata, cursou Farmácia e, a seguir, ingressou no curso de Medicina. Foi uma das primeiras médicas no país. Trabalhou em vários hospitais e tentou implementar reformas

¹⁸ COMITÉ, *Op. cit.*, p. 10 e 11. No original: “Admitida la premisa de que la independencia económica de la mujer es la base de todas las independencias, la mujer no podrá considerarse enteramente libre, mientras no haya logrado independizarse de la tutela masculina, por el esfuerzo de su labor moral e intelectual. Sabido es, hoy por hoy, la mujer recurre al matrimonio como el seguro refugio que ha de preservarla de la miseria, pasando de este modo a ser el dominio absoluto de aquel que la mantiene.”

¹⁹ As informações sobre a trajetória de Juana María Begino são do Dicionário Biográfico das Esquerdas Latino-americanas do Centro de Documentação e Informação da Cultura das Esquerdas.

²⁰ Embora o Congresso Feminino Internacional defendesse o divórcio, esse direito só seria efetivamente conquistado 75 anos depois na Argentina.

para melhorar o atendimento de crianças e mães solas. Lanteri atuou ativamente em defesa do sufrágio e, junto Cecília Grierson, também médica e feminista, criou a Associação de Universitárias Argentinas, responsável pela organização do Congresso de 1910. Durante sua vida como ativista, Lanteri também fundou o partido União Feminista Nacional e concorreu ao cargo de deputada, mas nunca conseguiu se eleger.

Já Carolina Muzzilli foi uma ativista que se preocupou em denunciar as condições de trabalho das operárias e das crianças argentinas. Era filha de trabalhadores imigrantes italianos que também enfrentaram sérias dificuldades econômicas. Aos 18 anos, começou a participar das reuniões do Partido Socialista e fazia notas denunciando as arbitrariedades e abusos que testemunhava nas fábricas. Nesta época, Muzzilli elaborou também um informe sobre a situação das operárias argentinas para o deputado Alfredo Palacios que protestou no Parlamento contra a situação de opressão e desigualdade que afetava as trabalhadoras. Lançou o jornal *Tribuna Femenina* e continuou colaborando com o *La Vanguardia*. Além das palestras e congressos que participou, escreveu textos em defesa do divórcio, da mãe operária e da criança trabalhadora.

Os temas debatidos no Congresso foram publicados no formato de atas como uma forma de auxiliar as autoridades políticas, as instituições e as organizações na defesa dos direitos das mulheres. Entre os pontos aprovados no Congresso como essenciais para a emancipação feminina estavam: a) que haja igualdade jurídica e civil entre os dois sexos; b) que a educação seja laica e igual para ambos os sexos; c) que seja reconhecido o direito da mulher ao sufrágio; d) que o divórcio é uma lei moral do matrimônio; e) que as mulheres intelectuais participem mais da atividade jornalística; f) que o ensino da História enfatize mais fatos sobre as faces evolutivas dos povos e das sociedades, não destacando unicamente batalhas e guerras; g) que a mulher tenha acesso à instrução universitária e liberdade de escolher um trabalho científico, artístico ou industrial como meio de trazer dignidade para suas vidas. Em síntese, esses termos

estavam propondo uma alteração no modo como a existência feminina era definida até então.

No livro *História Mínima dos Feminismos Latino-americanos*, a socióloga Dora Barrancos assinala que inicialmente a adesão ao feminismo não era massiva; porém é importante ressaltar a mobilização que as ativistas do Congresso de 1910 provocaram na época. Barrancos destaca também que, naquele mesmo ano, foi organizado outro evento: o Congresso Patriótico de Mulheres. Promovido pelo Conselho Nacional da Mulher, adotou um viés mais moderado, restringindo-se a celebrar as contribuições das mulheres na história.

Barrancos enfatiza que a agenda ampla do Congresso Feminino estava dividida nos seguintes temas: Sociologia, Direito, Educação, Ciências, Letras, Indústrias e Artes. E ressalta que uma das discussões mais intensas foi sobre os direitos políticos, porque havia dois grupos: um acreditava que o direito devia ser conquistado aos poucos, sendo imprescindível a preparação da mulher para participar da política; já o outro queria de forma imediata o acesso ao sufrágio e reivindicava condições iguais às dos homens.²¹ Ao apontar as características dos movimentos feministas nos países da América do Sul, Barrancos analisa que as mobilizações de hoje se deparam com a necessidade de preservar a memória desses movimentos no passado, pois promover o avanço de uma historiografia das mulheres representa, também, uma parte da luta dos feminismos.²²

A sessão inaugural e a luta pela independência feminina

A sessão inaugural do Congresso contou com o discurso de Ernestina López, irmã da filósofa Elvira López, que destacou a atuação de mulheres que se reuniram para contribuir para a luta pela independência da Argentina, em 1810. López destacou o papel de um grupo de mulheres, em 1810, que contribuiu para a compra de fuzis que seriam utilizados na

²¹ BARRANCOS, Dora. *Historia Mínima: Los Feminismos en América Latina*. Ciudad de Mexico: El Colegio de México, 2020, p. 300-302.

²² *Ibid.*, p. 161.

luta pela independência da Argentina. Na época, Buenos Aires era capital do Vice-Reino da Espanha na Região do Rio da Prata. Na conferência, Ernestina López, ao enfatizar o papel das mulheres na história da independência do país, afirmava: “se cada época tem seus homens, por que não dizer que tem também suas mulheres?”.²³

Ernestina descrevia que esse patriotismo bélico das mulheres do passado havia dado lugar à luta pela independência feminina. Ela defendia que as reivindicações da época estavam fundamentadas no direito natural atribuído aos indivíduos: liberdade do trabalho, benefícios da educação ampla e de uma legislação baseada na igualdade. No discurso, Ernestina criticou também as supostas deduções do racionalismo científico do século XIX que buscavam comprovar a inferioridade mental das mulheres, baseada nas dimensões do crânio e no peso do cérebro. Ela sentenciava que se a ciência não refutava tais argumentos de forma contundente, cabia à mulher dar um basta em tais hipóteses. Para Ernestina, quando uma ideia provém das massas, se converte em sugestão poderosa sobre os indivíduos. E este cenário fez com que as mulheres não pudessem expressar plenamente suas capacidades, porque durante séculos e por sucessivas gerações ouviram que deveriam se dedicar à casa e aos filhos.

A verdade é que, seja qual for a causa, a mulher ainda não conseguiu expressar tudo o que seu espírito é capaz de conceber e combinar; a sugestão, quando vem das massas, exerce um poder enorme sobre o indivíduo. Consideremos a influência que isso deve ter exercido sobre as mulheres, que durante séculos ouviram que não nasceram para serem gênias, mas sim para cuidar da casa e nutrir os filhos.²⁴

²³ COMITÉ, *Op. cit.*, p. 56.

²⁴ COMITÉ, *Op. cit.*, p. 44. No original: “La verdad es que sea cual fuese la causa, la mujer no ha podido aún dar expresión a todo lo que su espíritu es capaz de concebir y combinar; la sugestión y sobre todo cuando ella proviene de la masa es muy poderosa sobre el individuo. Júzguese cuál debe haber sido su influencia sobre la mujer, a quien siglos de generaciones han venido repitiéndole que no ha nacido para genio, sino para tener en orden la casa y nutrir a los hijos.”

Ernestina assinalava que para a sociedade as mulheres não podiam demonstrar que tinham outro talento além daquele de serem mães e esposas. Assim, ela apontava que, sucessivamente, história, normas, leis, atitudes, ideias e homílias sentenciaram papéis que pertenciam ao feminino. Por isso, as participantes do Congresso reforçavam o quanto a educação era fundamental para as mulheres. O argumento repetido em várias conferências era o da educação como esperança para que as mulheres pudessem transcender a condição de submissão.

A imprensa feminina e o ensino da história como estratégias para educação

No discurso sobre a “Evolução Feminina”, Dolores Bustamante enfatizava o papel de uma educação sólida, moral e intelectual para as mulheres. Ao falar sobre a evolução da ideia feminista, Bustamante utilizou como metáfora a subida de uma montanha, cuja finalidade é caminhar passo a passo até o cume, caso contrário, se todas decidirem sair correndo a fadiga as levaria a cair pelo abismo e as impediria de alcançar a parte mais alta. A educação seria então o caminho para conquistar, inclusive, o exercício dos direitos políticos. Essas feministas apontavam a tutela masculina como uma prisão e defendiam que deviam romper as correntes que as prendiam a um poder ilimitado que pretendia sempre ser exercido.²⁵ Bustamante afirmava no seu discurso:

Concebemos a tutela masculina como uma corrente, cujos elos devem ser rompidos para impedir um poder absoluto que sempre busca se perpetuar. Consideramos o fanatismo um grave erro e o combatemos como tal. Não desejamos a guerra entre os sexos, nem a supressão ou usurpação da supremacia, mas

²⁵ Das ativistas do Congresso que foram destacadas no artigo, não localizamos informações sobre a vida de Dolores Bustamante e de Maria Caminos, que apresentou a conferência sobre a imprensa feminina.

ansiamos pelo respeito aos ideais das mulheres, desde que sejam guiados pela luz, pela verdade, pela educação, pela razão e pela justiça.²⁶

No final da Conferência, Bustamante defendeu a criação de uma Liga de Mulheres como modelo para fornecer apoio e proteção contra o abuso de poder e o autoritarismo masculino:

Almejamos uma liga feminina que zele pelas mulheres, pelo seu crescimento e aprimoramento, caso tenhamos seu apoio, que seja um baluarte contra o abuso e o autoritarismo do sexo forte, uma proteção ou abrigo que a liberte do vício e lhe ensine o caminho da honra e da virtude em todas as suas magníficas manifestações.²⁷

Desta forma, as ativistas compreendiam que, a longo prazo, uma estratégia era reforçar a educação porque havia muita dificuldade na recepção do pensamento feminista. No momento, milhares de mulheres careciam de formação básica ou sequer sabiam ler. Neste cenário, como construir a emancipação feminina que proclamavam? A instrução em larga escala era o primeiro passo a ser alcançado e outro recurso necessário era uma organização social mais ampla para levar essas propostas a mais pessoas.

Assim, o periodismo feminino aparece também como estratégia de formação do pensamento feminista. O tema foi abordado por Maria F. Caminos que assinalou como projetos jornalísticos femininos enfrentaram obstáculos materiais e morais provocados pela indiferença da opinião

²⁶ COMITÉ, *Op. cit.*, p. 318 e 319. No original: “Conceptuamos el tutelaje del hombre como una cadena, cuyos eslabones deben romperse, para evitar ese poder omnimodo que siempre pretende seguir se ejerciendo. Consideramos un error craso el fanatismo y como tal le combatimos. No deseamos la guerra entre los sexos, ni suprimir ni usurpar la supremacía, pero anhelamos que a la mujer se respete sus ideales, siempre que lleven como enseña: luz, verdad, educación, raciocinio y justicia.”

²⁷ *Ibid.*, No original: “Anhelamos una liga de mujeres para velar por ella, por su engrandecimiento y perfeccionamiento, en el caso de contar con su apoyo, un baluarte donde se estrellen el abuso y autoritarismo del sexo fuerte, una protección o amparo que la libre del vicio y que le enseñe el camino del honor y de la virtud en todas sus grandiosas manifestaciones.”

pública e a hostilidade da sociedade em acolher a produção intelectual das mulheres. Ela alegava que este tipo de jornal era importante porque os periódicos masculinos estavam circunscritos em falar de beleza feminina e de luxuosas *toilettes*. Caminos afirmou que havia publicações que combatiam de forma enfática o feminismo, acreditando que o movimento levaria a mulher a perder seu encanto e a destruir a harmonia do lar. No discurso, Caminos questionava: “De que modo a ignorância pode ser o encanto que constituiu a harmonia do lar?”²⁸

Outra conferência importante relacionada ao tema foi sobre o ensino de História, apresentada por Hermosina Aguirre de Oliveira. Ela defendia que era preciso priorizar uma História que não se resumisse as descrições de guerras e batalhas. O tema discutido por Aguirre evidencia a lacuna de algo que não era tido como relevante, indica a presença de uma história que não era contada.

Como Elvira López, Aguirre também obteve o título de doutora na Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires, só que um pouco depois, em 1908. No Congresso, apresentou os argumentos que havia defendido na sua tese de doutorado com o título *O fator econômico na História*.

Ao tomar o fator econômico na história me guiou o propósito de aplicar esta teoria a um momento histórico de nossa pátria em vista de que a maior parte dos historiadores deram predomínio em suas obras ao militarismo ou a doutrina de grandes homens, esquecendo, que os fatos históricos são o todo orgânico da vida social, cujas partes e funções se influenciam reciprocamente e que somente o estudo de todos os fatos nos podem dar a verdade histórica em nossas investigações.²⁹

²⁸ COMITÉ, *Op. cit.*, p. 307.

²⁹ AGUIRRE, Hermosina de Oliveira. **El Factor Económico en la Historia**. 1908. 81f. Tese. (Doutorado en Filosofía y Letras). Facultad de Filosofía e Letras de la Universidad de Buenos Aires (UBA): Buenos Aires, 1908. No original: “*Al tomar el factor económico en la historia me ha guiado el móvil de aplicar esta teoría a un momento histórico de nuestra patria en vista de que la mayor parte de los historiadores han dado predominio en sus obras al militarismo o la doctrina del grande hombre, olvidando, que los hechos históricos son el todo orgánico de la vida social, cuyas partes y funciones se influyen reciprocamente y que solamente el estudio de*

Com tal perspectiva, Aguirre já assinalava uma lacuna na História ao negligenciar determinados sujeitos e processos na vida social para privilegiar uma narrativa centrada na trajetória de grandes homens. Não por acaso, intelectuais feministas de várias gerações, como, por exemplo, a jornalista argentina Juana Manso no século XIX ou a educadora chilena Amanda Labarca na primeira metade do século XX, recuperavam a história de mulheres de outras épocas. Fosse na Antiguidade, no Período Medieval ou nas Guerras pela Independência na América do Sul, mulheres de distintos tempos, que desafiaram as normas da sociedade que viviam, eram convocadas para servir de inspiração para a causa feminista e a luta pela emancipação feminina.³⁰

Encuesta Feminista: as definições sobre o feminismo no início do século XX

Outro tema abordado por Ernestina López na sessão inaugural do Congresso era de que o feminismo na América Latina contava com um número expressivo de defensores do sexo masculino. Ela enfatizava que da mesma forma que existiam mulheres que criticavam a emancipação feminina, havia homens que defendiam o movimento. Um deles foi o jornalista Miguel J. Font, que publicou *La Mujer: Encuesta Feminista*. O livro, que apresenta um caráter único e histórico, faz um compilado de uma série de opiniões sobre o feminismo nas primeiras décadas do século XX na Argentina.

Font pretendia criar uma revista que fosse porta-voz do pensamento feminista. Dessa forma, o jornalista escreveu para homens e mulheres da literatura, da filosofia, da política e da medicina, pedindo um parecer ou um relato sobre o tema com a ideia de coletar um número de assinaturas

todos esos hechos nos poden dar la verdad histórica en nuestras investigaciones.”

³⁰ A jornalista argentina Juana Manso publicou uma série de textos intitulada “As mulheres ilustres da América do Sul” em dois jornais que editou: *La Flor del Aire* e *La Siempre Viva*. Já a educadora chilena Amanda Labarca faz um relato de uma historiografia das mulheres no livro **Feminismo Contemporáneo** no capítulo com o título “Diversas Etapas del Feminismo”.

que justificassem a empreitada editorial. Font obteve 50 respostas que foram publicadas no livro. A lista contava com várias intelectuais que participaram ativamente do Congresso de 1910, apontando a relevância do evento dez anos depois. Entre elas estavam: Alicia Moreau, Julieta Lanteri, Ernestina López, Elvira López, Paulina Luisi, entre outras. Todas elas se tornaram referência para os feminismos latino-americanos. Ao consolidar diferentes opiniões, Font assinalava que a publicação queria: “Eliminar preconceitos, esclarecer conceitos, amadurecer opiniões, dissipar a apatia, conter a impaciência, unir vontades e conquistar simpatias; em suma, em favor da causa das mulheres”.³¹

Font, que se autoproclamava no livro em defesa da causa feminista, contou que, no início do seu trabalho como jornalista pelas províncias, percebeu um fenômeno social recorrente e isso fez com que prestasse mais atenção na maneira que as mulheres eram tratadas socialmente. Ele descrevia que, nas cidades do interior, havia um número de meninas solteiras que viviam à espera do casamento. Como os homens saíam jovens para poderem se educar e trabalhar nas cidades, as mulheres ficavam ali, sem perspectivas, presas à família, disputando os poucos homens que ocupavam os cargos de administração pública e do comércio. Font relatava que o matrimônio era tido como a única realização na vida daquelas mulheres.

Tantas moças bonitas e bondosas, com suas vidas consumidas, como principal preocupação, por discretas e singulares batalhas de rivalidade romântica pelos poucos balconistas e funcionários públicos locais, ambos oferecendo pouca esperança econômica. E se concordarmos que o casamento é, antes de ser um problema sentimental, um problema econômico — um sério problema econômico —, então temos um exemplo perfeito dessa desgraça coletiva feminina.³²

³¹ FONT, J. M (Comp.) **La Mujer**. Encuesta Feminista. Buenos Aires, 1921, p. 235.

³² *Ibid.*, p. 08. No original: “Tantas niñas lindas y buenas, desviviéndose, como preocupación principal de su vida, en singulares y discretos combates de rivalidad amorosa por los escasos dependientes de comercio y más escasos empleados de administración local, unos y otros de porvenir económico poco risueño. Y si convenimos que el matrimonio es antes que un problema sentimental, un problema económico, un grave problema económico, tendremos ejemplificada a colectiva desgracia femenina.”

De acordo com Font, o casamento era uma questão fundamentalmente econômica, a união poderia aprisionar essas jovens a uma vida de dependência do marido. No entanto, a reputação e a realização delas estavam vinculadas ao casamento. O relato enfatiza o receio delas passarem uma vida sozinha e sem construir uma família, muitas vezes se sujeitando a lidar com relações sem amor ou sem qualquer comprometimento.

O trabalho de Font, além de compilar as cartas das ativistas feministas, também destacou trechos e artigos, como um dos discursos de Paulini Luisi, presidente e fundadora da Assembleia Nacional de Mulheres, no Uruguai, em 1918. No documento, que foi a carta resposta para Font, Luisi descrevia que fazia pouco tempo que a palavra feminismo não podia sequer ser pronunciada no Uruguai, pois era sinônimo de uma revolução no seio da família, um princípio social que representava a dissolução. Luisi destacava que não apenas o ambiente familiar, mas o Estado era um dos responsáveis pela opressão que a mulher estava sujeita.

Para tornar as mulheres seres completos, para desenvolver suas capacidades intelectuais e autonômas, que até agora, especialmente esta última, foram completamente esquecidas pela educação; (...) para libertar o sexo da escravidão que os costumes sociais impuseram à maternidade, tornando-a economicamente escravizada, quando deveriam ter colocado a mãe no lugar que lhe é de direito, por direito de direito, porque carregando em seu ventre o destino da raça, o primeiro lugar entre todos os lugares lhe pertence, o assento da mãe no trono de rainha. Em contrapartida, leis e costumes prevalecem sobre a mulher que é mãe, tornando-a duplamente escravizada, devido à constante dedicação ao ser que carrega dentro de si, que a mantém sujeita a cada movimento, a cada suspiro da criança – e economicamente escravizada, porque ninguém quis reconhecer, nem em leis nem em decretos, que o primeiro devedor de uma mulher que dá à luz é o Estado. O Estado que se beneficia de mais um cidadão e que tem o dever, nunca lembrado, é claro, de proteger amplamente aquela que, arriscando a vida e dando dor e sangue, aumenta o capital nacional com a riqueza de uma população abundante.³³

³³ *Ibid.*, p. 37. No original: “Hacer de la mujer un ser completo, desenvolver sus capacidades intelectuales y

A citação de Font ao discurso de Paulina Luisi ocorreu porque, naquele momento, ela já era uma figura reconhecida para o movimento feminista no Uruguai e na América Latina. Luisi foi a primeira mulher uruguaia a obter um título universitário em Medicina, em 1908. Foi também umas das principais ativistas pelo sufrágio feminino no país, direito que só foi conquistado em 1932. Além disso, fundou o Conselho Nacional de Mulheres e a Aliança Pró-Sufrágio Feminino, duas instituições que eram filiais de organizações internacionais. A historiadora Inés de Torres conta que o debate sobre a luta por direitos civis, sociais e políticos para as mulheres foi algo incentivado no próprio ambiente familiar de Paulina, que era a filha mais velha de sete irmãos. Por influência dos pais imigrantes da Itália e da França, a família convivia com três línguas, o que facilitava a compreensão das ideias que repercutiam da Europa. Antes de imigrar, a mãe de Paulina havia participado de um grupo feminista na cidade de Lyon, na França, que defendia a educação laica e o direito ao voto. Sem dúvida, essa experiência materna e o fato de viver em um ambiente familiar que compreendia a educação como um valor fundamental foram características essenciais na formação da família de Luisi. Não é por acaso que as outras duas irmãs de Paulina também tenham se destacado publicamente: Clotilde foi a primeira mulher a se formar em advocacia no país, além de ser escritora, poetisa e professora de libras; Luísa foi poeta, crítica literária e pedagoga reconhecida da sua geração.

Luisi era filha de um liberal e maçom italiano, Angel Luisi, e da professora francesa de origem polonesa, Maria Josefina Janicka, que migraram

volitivas, hasta hoy, sobre todo estas últimas olvidadas del todo por la educación; (...) libertar el sexo de la esclavitud que las costumbres sociales han anexionado a la maternidad, haciéndola económicamente esclava, cuando debieron colocar la madre en el lugar que por derecho le conviene, por derecho de derechos, porque llevando en su seno el destino de la raza, le corresponde a ella el primero entre todos los lugares, el sitio de la Madre como un trono de Reina. En cambio, leyes y costumbres imperan sobre la mujer que es madre, haciéndola dos veces esclava, por la dedicación constante al ser que engendra en sus entrañas, que la mantiene sujeta a cada movimiento, de cada suspiro del niño que se cria — y esclava económicamente, porque nadie quiso reconocer, ni en leyes ni en decretos, que el primer deudor de una mujer que engendra es el Estado, el Estado que beneficia de un ciudadano más, y que tiene el deber, jamás recordado por cierto, de amparar ampliamente a quien, jugando su vida y dando sus dolores y su sangre, aumenta el capital nacional con la riqueza de una abundante población.”

para a região do Rio da Prata, em 1872. Seus pais foram viver em Cólón, na Argentina, onde nasceu Paulina, mas logo a seguir se mudaram para a cidade uruguaia de Paysandú. A mãe de Luisi criou o primeiro jardim de infância do Uruguai, uma escola que ficou a cargo da *Sociedade Educacionista de Señoras* e o casal Luisi-Janicka foi o responsável por fundar e criar outras instituições como escolas e bibliotecas.

Luisi chegou a participar, em 1907, da Associação Universitária Feminina para a realização do Congresso de 1910, mas não esteve presente no evento. Assim como suas colegas argentinas já haviam assinalado, ela também acreditava na publicação de um periódico como uma plataforma importante e que se tornasse um espaço para repercutir as ações das organizações internacionais feministas que era vinculada na época. Assim, fundou o *Acción Feminina*, em 1917.³⁴

A amiga de Paulina, a médica e feminista Alicia Moureau também respondeu a Font com uma carta que mostrava a preocupação diante das críticas ao feminismo. Para Moureau, opor-se à emancipação feminina pelas consequências que isso poderia trazer para a família representava ignorar como a participação da mulher melhorou a legislação social nos locais que o debate havia avançado mais. No documento, Moureau assinalava:

Esses fatos são infinitamente mais valiosos do que declarações sentimentais inspiradas pela tradição, longe de continuarmos a sonhar com a mulher ignorante, superficial e frívola — todos defeitos de seres submissos — que esta experiência social nos leve a compreender a beleza da mulher de espírito livre, com personalidade definida, que conhece a vida, aceita sua responsabilidade e deseja unir-se ao homem para tornar essa vida mais saudável, mais justa e mais bela.³⁵

³⁴ TORRES, Inés de. **Paulina Luisi**: redes sociales, capitales simbólicos y estrategias de inserción en el campo intelectual. In: CORMICK, Silvia (Org.) *Mujeres Intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: SB Editorial, 2022, p. 48 e 49.

³⁵ *Ibid.*, p. 24. No original: *Estos hechos valen infinitamente más que las declamaciones sentimentales inspiradas en la tradición, y lejos de seguir soñando con la mujer ignorante, superficial y frívola, todos defectos de los seres sumisos, que esta experiencia social haga comprender la belleza de la mujer de espíritu libre de personalidad definida, que conoce la vida, acepta su responsabilidad y quiere unirse al hombre para hacer esa vida más sana, más justa,*

O livro de Font também incluiu a opinião do médico Estanislao Zeballos, o qual, com base em correntes do racionalismo científico, buscava responder às críticas de que as mulheres seriam inferiores aos homens. Zeballos afirmava que existia uma ideia pré-concebida de que elas seriam mais frágeis fisicamente, que teriam um caráter imperfeito e que não eram qualificadas para exercerem plenamente os direitos e os deveres inerentes à personalidade humana. O médico alegava que essa orientação filosófica e jurídica era errônea e o problema devia ser analisado do ponto de visto social, científico e político. Para Zeballos, se a mulher tivesse a mesma preparação intelectual e física do homem, ela teria as mesmas condições para governar sua vida e se tornar independente, porque, até então, a mulher estava submetida à limitação de funções que os próprios homens a haviam atribuído. Afirmava que a humanidade não avançaria sem uma lei que justamente configurasse a igualdade civil entre homens e mulheres.³⁶

Considerações finais

Em 1910, as ativistas do Congresso Feminino homenagearam as mulheres que colaboraram com o processo de independência, em 1810, na Argentina. Um século depois um novo grupo de pesquisadoras se reuniu para preservar os discursos do evento sobre os primeiros passos da luta pela emancipação feminina. A cada 100 anos, uma geração de mulheres se mobilizava para recuperar o legado anterior. Elas observavam o passado na tentativa de superar uma amnésia que apaga, de tempos em tempos, a trajetória de mulheres que questionaram uma vida de submissão e de opressão. Todas foram históricas em suas épocas. É importante assinalar que elas não estavam sozinhas, havia outras, não tão conhecidas ou completamente desconhecidas, cujos nomes impressos em jornais femininos ou apresentados nas conferências que participaram revelam histórias que não sobreviveram ao tempo. A lista de ativistas feministas latino-america-

más hermosa."

³⁶ *Ibid.*, p. 115.

nas é extensa e incompleta, requer um exercício historiográfico constante, como se fosse sempre preciso uma nova tentativa para descobrir quem foram, o que falaram e que confrontos travaram. Elas revelam uma história que é pouco conhecida, porque também é pouco contada.

Essas mulheres escreveram sobre o lugar social que ocuparam, enquanto sujeitos históricos marcados pela sua condição de gênero. Elas desafiaram normas e não aceitaram permanecer em posições subalternas. A forma como foram impactadas pelas ideias feministas que vinham, principalmente, da Europa, moldou o olhar que tinham sobre a realidade e fez com que identificassem as limitações impostas à existência feminina. Essas características estão presentes nos discursos, nas linguagens e na forma como reagiram.

No início do século XX, as ativistas insistiam na defesa do feminismo e afirmavam que o movimento não seria responsável pela destruição da família. No Congresso de 1910, as organizadoras tentaram afastar um discurso radical contra os pilares estruturantes da sociedade: a família e o Estado. No entanto, foram essas duas instituições as responsáveis por impedir a mulher de avançar em múltiplos aspectos, era um poder, como a própria ativista Dolores Bustamante descrevia na época, que desejava se manter sempre como autoridade.

Elas também rejeitaram discursos que apontavam a inferioridade das mulheres, mas a normalidade com que tais proposições foram proferidas no passado moldaram um imaginário social que repercutiria durante décadas sobre a existência feminina nas nações latino-americanas e em outros tantos lugares. Esses discursos não ficaram restritos apenas à forma como a ideia de gênero foi definida, também tentavam discriminar pessoas negras e de etnias indígenas, fizeram com que a noção de raça passasse a estar atrelada à cor da pele desde o século XIX. A utilização desta narrativa legitimou ataques de vários tipos, proferiu ofensas e fez com que o preconceito, a misoginia, a brutalidade, o abuso e o assédio se convertessem em práticas cotidianas comuns.

No entanto, retornar a esse passado é confirmar a relevância de um legado que segue inspirando ações no presente. A cientista política Verónica Gago, no livro *Sobre Legados Feministas*, assinala a importância de cultivar esse exercício de voltar a uma época a partir da capacidade coletiva de suscitar novos questionamentos. Ao fazermos isso, podemos tocar e examinar esse passado.³⁷ Assim, as intelectuais do Congresso de 1910 e outras mulheres, que debateram publicamente o tema da emancipação feminina, nos ajudaram a formar um olhar crítico para a realidade. Elas também deixaram evidências das suas próprias lutas por direitos e descreveram quais eram as violências que afetavam o feminino no início do século XX.

Referências

AGUIRRE, Hermosina de Oliveira. *El Factor Económico en la Historia*. 1908. 81f. Tese. (Doutorado en Filosofía y Letras). Facultad de Filosofía e Letras de la Universidad de Buenos Aires (UBA): Buenos Aires, 1908.

BARRANCOS, Dora. *Historia Mínima: Los Feminismos en América Latina*. Ciudad de Mexico: El Colegio de México, 2020.

BELLUCCI, Mabela. *Carolina Muzilli, obrera, socialista y feminista*. *Jacobin*, 30.01.2025. Disponível em: <https://jacobinlat.com/2025/01/catalina-muzilli-obrera-socialista-y-feminista/>. Data de acesso: 23.22.2025.

BOROSVKY, Luisa (Comp.) *Mujeres de Prensa. Las primeras periodistas argentinas: 1820-1920*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo Editora: 2021.

COMITÉ Organizador del II Congreso Feminista Internacional de la República Argentina. *Primer Congreso Femenino Internacional de 1910 de la República Argentina: Historia, Actas y Trabajos*. Edición Conmemorativa. 2ª edición. Buenos Aires: 2010. Realizado con el apoyo del Fondo Metropolitano de la Cultura, las Artes y las Ciencias del Ministerio de Cultura del GCBA.

³⁷ ZAHRA, Ali [et al]. **Sobre Legados Feministas**. São Paulo: Ubu Editora, 2025, p. 8.

CORMICK, Silvia. (Org.) *Mujeres Intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: SB Editorial, 2022.

DIETZ, Ana López; MONSALVE, Karen. *Feminismos, género y movimiento de mujeres: claves para el debate en tiempos constituyentes*. Santiago de Chile: LOM Ediciones, 2022.

DUARTE, Constância Lima. *Feminismo: uma história a ser contada*. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque. *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019.

LÓPEZ, Elvira. *El movimiento feminista: primeros trazos del feminismo en Argentina*. Editorial Biblioteca Nacional Mariano Moreno: Buenos Aires, 2009.

FONT, J. M (Comp.) *La Mujer*. Encuesta Feminista. Buenos Aires, 1921.

GARGALLO, Francesca (Org.) *Antología del pensamiento feminista nuestroamericano*. Buenos Aires: Escuela de Relaciones Internacionales de la Universidad Nacional-CLACSO, 2009. TOMO I.

GUIMARÃES, Gêssica. *Ensaio Feminista sobre o Sujeito Universal*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2022.

LABARCA, Amanda. *¿A dónde va la mujer?* Santiago de Chile: Ediciones Extra, 1934.

LABARCA, Amanda. *Feminismo Contemporáneo*. Santiago de Chile: Ediciones Extra, 1947.

LUDMER, Josefina. *Las tretas del débil*. In: GONZALEZ, Patricia; ORTEGA, Eliana. *La Sartén por el Mango: encuentro de Escritoras Latinoamericanas*. Puerto Rico: Ediciones El Huracán, 1984.

MYERS, Jorge. *Músicas Distantes. Algunas notas sobre a história intelectual boje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem*. In: SÁ, Maria Elisa Noronha (Org.) *História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.

PIGNA, Felipe. *Carolina Muzilli, la feminista que defendió los derechos laborales*. El Historiador. Disponível em: <https://elhistoriador.com.ar/carolina-muzilli-la-feminista-que-defendio-los-derechos-laborales/>. Data de acesso: 23.11.2025.

ROCHA, Lucas. *Julieta Lanteri, médica homenageada pelo doodle do Google, lutou por direitos das mulheres*. CNN Brasil, 22.03.2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/julietta-lanteri-medica-homenageada-pelo-doodle-do-google-lutou-por-direitos-das-mulheres/>. Data de acesso: 23.11. 2025.

SCOTT, W. Joan. *Escrita da História como Crítica*. Revista de Teoria da História. Tradução Eduardo W. Cardoso, Naiara Damas e Nathalia Sanglard. Goiânia, v. 26, n. 2. P. 121–140, 2023.

TORRES, Inés de. *Paulina Luisi: redes sociales, capitales simbólicos y estrategias de inserción en el campo intelectual*. In: CORMICK, Silvia (Org.) *Mujeres Intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: SB Editorial, 2022.

ZAHRA, Ali [et al]. *Sobre Legados Feministas*. São Paulo: Ubu Editora, 2025.

Recebido em: 25/11/2025.

Aceito em: 04/08/2026.